



LABIRINTO

André Severo



LABIRINTO

André Severo
4 OUT 25 – 25 JAN 26
curadoria Marília Panitz





A CAIXA tem entre seus compromissos a responsabilidade social, o fomento à cultura e o incentivo às diversas manifestações artísticas, promovendo a democratização do acesso à arte, com inclusão social e cidadania. Por meio de iniciativas como a Seleção CAIXA Cultural, fortalece a identidade dos brasileiros, ampliando as oportunidades culturais para o público, produtores e artistas.

A arte é um direito de todos e um elemento fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e criativa, e a CAIXA acredita que a cultura é um poderoso instrumento de transformação social capaz de conectar pessoas, preservar tradições e inspirar novas gerações.

A exposição individual **Labirinto**, do artista gaúcho André Severo, reafirma este compromisso ao valorizar a arte contemporânea brasileira, atrelando imagem, tempo e memória, por meio de recursos como vídeo, som e fotografia.

Desse modo, a CAIXA incentiva a pluralidade de manifestações artísticas, comportamentais e de pensamento, e oferece condições concretas para que a população brasileira tenha contato direto com o que há de melhor e mais inspirador na produção artística nacional e internacional.

Viva as culturas brasileiras. Viva a CAIXA Cultural.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL





EL MENSAJERO: Vida y muerte, ser o nada, no constituyen sustancias o cosas separadas. Negación y afirmación, falta y plenitud, coexisten en nosotros. Son nosotros. El ser implica el no ser; y a la inversa. El ser emerge o brota de la experiencia de la nada. En efecto, apenas el hombre se contempla, advierte que está sumergido en una totalidad de cosas y objetos sin significación; y él mismo se ve como un objeto más, todos cayendo sobre sí mismos, todos a la deriva. La ausencia de significación procede de que el hombre, siendo el que da sentido a las cosas y al mundo, de pronto se da cuenta de que no tiene otro sentido que morir. La experiencia de la caída en el caos es indecible: nada podemos decir sobre nosotros, nada sobre el mundo, porque nada somos. Mas si nombramos la nada - como efectivamente lo hacemos - ésta se iluminará con la luz del ser. Pues del mismo modo: vivir frente a la muerte, es insertarla en la vida. Porque el ser es la condición previa de la nada, porque la muerte nace de la vida, podemos nombrarla y así reintegrarlas. Podemos acercarnos a la nada por el ser. Y al ser, por la nada. Somos el "fundamento de una negatividad", pero también la trascendencia de esa negatividad. Lo negativo y lo positivo se entrecruzan y forman un solo núcleo indisoluble. La frase "porque somos posibilidad de ser, somos posibilidad de no ser" puede invertirse sin perder su verdad.

LABIRINTO – tempo . circularidade . espelhamento . des-aparição .

Marília Panitz

*A veces, sin causa aparente vemos de verdad lo que nos rodea.
Y esa visión es, en su manera, una suerte de teofanía o aparición,
pues el mundo se nos revela en sus repliegues y abismos...*

*(...) Estamos encantados, suspensos em medio
a la tarde inmóvil. Adivinamos que somos de otro
mundo. Es la “vida anterior” que regresa.*

El Mensajero¹

Uma obra costurada por apropriações e reelaborações. Um pensamento que é pura novidade – porque já nos esquecemos de pensá-lo –, um Labirinto. A mostra é uma grande instalação (labiríntica), gestada por muito tempo. Alimenta-se de uma coleção de imagens que, em seu sentido mais abrangente, incorpora sons, textos, ideias e ambientes, todos coletados por André Severo; esta é a sua matéria-prima primordial. Há uma indiferenciação entre a fotografia capturada e a coletada em diferentes meios. Há a intervenção nas fotos em camadas sobrepostas. E há sempre outra imagem.

1 Trecho retirado de uma das 36 páginas da série que leva o nome daquele que transmite a mensagem, produzida entre 2015 e 2021.

Labirinto é a parte final da trilogia *El Mensajero*, constituída ainda por **Metáfora** e **Espelho**, e concebida em tempos de isolamento. É um espaço imersivo e uma declaração cujo centro do redemoinho está nos anos (vividos como se um século fossem) da pandemia, de tantas incertezas, tempo no qual encaramos coletivamente a nossa finitude.

Esta é uma obra-libelo, mas não uma obra-discurso. Mergulha nas imagens “daquilo que já não é”, nas ruínas das edificações de outros tempos que se tornam vestígios poéticos (aparições assombrosas) de uma beleza impactante e solitária. Mas elas pulsam, elas soam, elas nos abduzem para dentro de suas linhas de fuga.

O itinerário dentro do espaço-labirinto tem marcações temporais que propõem uma cronologia subvertida. Porém, ainda uma cronologia que se deixa tomar pelo tempo lógico², fazendo com que os achados se encadeiem de forma a constituirmos nossa versão da vivência preponderantemente visual e sonora - ocorrida na penumbra –, deixando-nos em certo estado de vigília, entre sonho e tempo presente. Algo que talvez compareça efetivamente depois que saímos da sala de exposições.

Nessa perspectiva, são propostos os elementos do calendário: os dias – fotos coloridas, numeradas de I a CCCLDVI, dispostas de

2 Jacques Lacan propõe o tempo lógico como subversão à cronologia que estabelece o tempo como uma sucessão de momentos, em uma sincronia que abrangeria a todos seres da consciência. O tempo lógico considera o que chamamos de escansão, quando trilhamos a via de acesso ao inconsciente. Esta decomposição temporal desfaz a sincronia cronológica, pois a partir da percepção há outros momentos de constituição de versão e de conclusão. Há o só-depois, em que o achado, antes latente, emerge.

forma a circundar toda a galeria; as semanas – imagens fotográficas com sete camadas cada – operando a convenção de sete dias, de domingo a sábado; os 12 meses – representados por textos da personagem críptica que é *El Mensajero* –, cujas mensagens, sempre em espanhol, ocupam o lugar da abertura das representações imagéticas capturadas ou apropriadas uma a cada dia (só vestígios de um tempo perdido a ser decifrado no futuro); e, por fim, algo mais fluido em termos temporais, mas que, por outro lado, constitui-se como uma estrada principal em linha reta entre o começo e o fim do recorte temporal – e da concepção expográfica da mostra. Portanto, um marco muito mais geográfico ou cartográfico: uma série de quase-filmes, em grandes projeções simultâneas. Uma boa metáfora para pensarmos o tempo simbólico – sobreposições e distensões.

DIAS³

Os dias contornam o lugar instalado, operando o deslocamento da história-memória para a cartografia-topografia. E não é essa a conformação do calendário⁴, como circunscrição do tempo em termos espaciais? A série nos convida a caminhar, passo a passo,

3 Talvez seja a noção mais antiga dentro do calendário cuja duração não muda, pois está sujeita ao movimento de rotação da Terra, determinado pelo nascer do sol (ou o fim da escuridão). Etimologicamente nasce da palavra DEI, de raiz indo-europeia, que significa brilhar.

4 Calendas (*Kalendae*) – primeiro dia do mês, de onde a palavra calendário derivou. Os juros das dívidas, por exemplo, eram atualizados nas calendas.





cada um a seu tempo, até chegar ao fim (que é, de novo, o começo, assim como os dias...). As representações-aparições diárias, neste calendário pós-gregoriano, tridimensional e passível de ser circulado (por onde começarã? Em janeiro?), sucedem-se resistindo à constituição de narrativas. Vagam em diferentes direções (como os dias). Mas o escopo está dado: habitações abandonadas, restos de lares e coisas deixadas congeladas depois do uso. A beleza desconfortável da decadência. Como contar o tempo da decomposição? Como idealizar a memória dos fragmentos? Como suportar estes espelhos da finitude das histórias (ou seus descaminhos)?

SEMANAS⁵

Em **Labirinto**, a marcação das semanas estabelece o percurso para o fruidor. Em sua distribuição não há linearidade, e sim a formação de um campo mais orgânico entre a linha central das telas de projeções e a circulação dos dias. As fotos que as representam trazem a ideia da passagem do tempo por meio de diferentes inte-

5 As semanas foram introduzidas como forma de alternância entre trabalho e descanso. Primeiro, com oito dias, sete eram considerados dias de trabalho e o oitavo, como o dia de ir ao mercado. Em relação aos dias do ano, eram mais flexíveis, por isso elas não são marcadas pelos números, mas por letras. A semana de sete dias passa a ser utilizada no período imperial romano do Ocidente, sob influência dos imigrantes do Império Oriental, e com a entrada em vigor do calendário juliano. Os nomes dos dias da semana, na maioria das línguas neolatinas, derivam dos nomes dos planetas clássicos na astrologia helenística. Na antiguidade, as Sete Luminárias sagradas são os sete objetos não fixos visíveis no céu: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Assim os dias se tornaram Dia do Sol (domingo, dia do Senhor), Dia da Lua (segunda), Dia de Marte (terça), Dia de Mercúrio (quarta), Dia de Júpiter (quinta), Dia de Vênus (sexta) e Dia de Saturno (sábado, sabbath — descanso).

riores, em transparências sobrepostas que criam um ambiente composto (por sete imagens/sete dias). Um palimpsesto, talvez; arqueologia dos dias que a compõem... A imagem, impressa em preto e branco (porém, com certa cor que incidentemente emana delas), retira a percepção imediata que a cópia em cor costuma nos dar, mais próxima do que nossos olhos veem, como acontece com as pseudopolaróides dos Dias. Aqui, trata-se de formas originais enquadradas, capturadas nas nuances de luz e sombra, sem seus matizes (às vezes invadidas por algum deles). A dimensão, porém, aproxima-as de seu tamanho real (e de uma tendência a nos absorver para dentro dela). Mas a sobreposição de sete espaços-tempos faz com que ela adquira certa fantasmagoria, certa perda de solidez, certa vertigem do olhar. Focamos a passagem, condensação e deslocamento. Imagem onírica por excelência. São cômodos onde a luz penetra sutilmente filtrada pelo pó, são quase litografias ou calcogravuras em maneira negra. É preciso percorrê-las com vagar. É preciso sentir a peculiaridade do tempo lento, vertiginoso, e às vezes trágico.

MESES⁶

El Mensajero não é Octavio Paz – outro dos fantasmas com quem convivo –; nesse turbilhão de pensamentos e sensações que é o que chamo de trabalho, El Mensajero é aquele que sou e não

6 Mês é o tempo aproximado necessário à Lua para que ela efetue uma volta ao redor da Terra.

posso ser, é um guia e uma intuição – é o que eu posso hoje entender por vidência (aquela que era tão cara a Rimbaud).

André Severo⁷

Os meses em **Labirinto** são literários e apresentam, assim como em outros trabalhos, parceria muito particular de André⁸. As obras aqui são páginas datilografadas em papéis antigos, em espanhol, com certa alusão a uma psicografia agnóstica. Não é possível deixar de citar que toda a produção do artista é atravessada por signos linguísticos, por uma justaposição de narrativas fragmentárias que constituem o esqueleto de sua obra. Ela se apresenta, assim como nas outras duas partes da trilogia, na voz de uma personagem enigmática, autora primária (e imaginária) dos textos, *El Mensajero*. Este portador de segredos compartilhados migra da única peça escrita por Octavio Paz, **A Filha de Rappaccini**, que por sua vez é inspirada em um conto homônimo de Nathaniel Hawthorne. Paz cria esta figura, não existente no conto de Hawthorne. Severo

7 Trecho de e-mail de Severo, enviado em 24/11/2021, a Paulo Herkenhoff, durante a organização da exposição (e do catálogo) **Arquiperiscópio**, realizada no Oi Futuro. SEVERO, André, HERKENHOFF, Paulo, **Arquiperiscópio**, Rio de Janeiro: Imago, 2022, p.55.

8 Outra parceria, mais recente do que a da concepção de **Labirinto** (2015-2021), é a da série de pinturas **A Onda** (D'APRÈS COURBET), pintadas “em conjunto”, mas com enorme deslocamento temporal – como nos apresenta a ideia de tempo lógico –, com o pintor realista francês Gustave Courbet, que concebeu sua obra **A Onda**, em 1869, na Normandia. Ela apresenta uma formação isolada, prestes a quebrar nas pedras; obra que revolucionou o conceito de marinha, até então aceito. André, ao longo dos últimos quatro anos (2021-2024), pintou mais de 60 ondas, assinadas em dupla com Courbet (seu fantasma habitante do ateliê por esses tempos). E não é possível esquecer uma parceria anterior em **Rastro** (1999-2020), com Gustave Le Gray, multiartista do século XIX, conhecido como um dos mais importantes fotógrafos daquele século, especialmente por suas fotos de marinhas. Em 2015, André se apropria de imagens de Le Gray e produz o vídeo **A Grande Onda**. Le Gray, por sua vez, havia capturado essas imagens no mar da Normandia, assim como Courbet.

amplia, e muito, o papel dessa persona que se funde simbolicamente ao artista – mais uma vez, apropriação e invenção, filosofia em estado de poesia pela voz do ser inventado e reinventado. André é o mensageiro. *El Mensajero* é também André Severo. Ambos abrem os meses, a *Calenda* ancestral, com palavras perturbadoras ancoradas no passado e, como ocorre com o deus Janus, lançadas para o futuro. E nós, os assombrados pela visão nos dois sentidos temporais, que a vemos no presente, o que será de nós, agora?

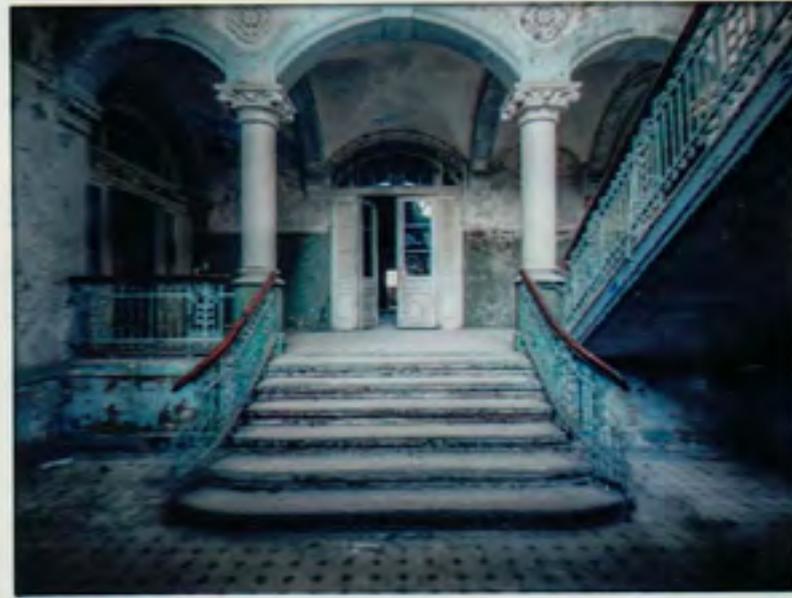
INTERMITÊNCIAS

Depois da fotografia digital, da pós-fotografia, da fotografia pelo celular e da selfie, a tradição óptica da fotografia entrou em crise e ampliou sua potência comunicacional. Depois do invento de Louis Daguerre, dizia-se que a fotografia teria decretado a morte da pintura.

André Severo

Os filmes – as imagens em (lento, discreto) movimento – marcam a produção de André, como notas que orientam nossa leitura dos ambientes, textos, das pinturas, ações, conversas, caminhadas, viagens e toda a gama de linguagens introduzidas em seus trabalhos poéticos⁹.

9 O primeiro filme ao qual fui apresentada, começou a se construir em 2000, na conversa de André com sua amiga e parceira Maria Helena Bernardes. O projeto e o livro decorrentes desta ideia – que gira em torno da recusa em produzir novas obras – levam o nome de SOMA e visitam paisagens do sul do Rio Grande do Sul, em especial os areais à



Labirinto dia I





Labirinto dia I



Labirinto dia I



Labirinto dia XI



Labirinto dia XII



Labirinto dia XVII



Labirinto dia XVIII



Labirinto dia XIX



Labirinto dia II



Labirinto dia XXIV



Labirinto dia XXV



Labirinto dia XXVI



Labirinto dia XXVII



Labirinto dia XXXI



Labirinto dia IV



Labirinto dia V



Labirinto dia VI



Labirinto dia XIII



Labirinto dia XIV



Labirinto dia XV



Labirinto dia XVI



Labirinto dia XVII



Labirinto dia XXI



Labirinto dia XXII



Labirinto dia XXIII



Labirinto dia XXVIII



Labirinto dia XXIX



Labirinto dia III



Labirinto dia XXX



Labirinto dia VII



Labirinto dia VIII



Labirinto dia IX

Abandonos, revisitas, marcação intermitente, ruídos que se mesclam em uma sinfonia caótica. Ontem, hoje, amanhã. Onde haverá silêncio? Não nas cidades, desde que elas nasceram.

Fora do calendário, mas imiscuindo-se nele como tempo não computado, a sequência de filmes parece anteceder-lo, como a espinha dorsal que organiza toda a mostra: seis grandes telas em linha recebem projeções de imagens em sutil movimento. Apontam lugares (desfeitos) que ainda podemos identificar, marcos reconhecidos da vida comunitária das cidades, reconfigurados pela ação do abandono...

O CINEMA o ponto de vista do vídeo nos coloca como se fôssemos personagens do filme, fazendo-nos dirigir o olhar para a plateia (vazia). Ao fundo, a luz intermitente do projetor, acompanhada de seu ruído característico. Aquilo que nos constitui é projeção.

A ESCOLA do fundo da sala de aula, vemos as carteiras desarrumadas. No quadro negro ao fundo, inscrições/palimpsestos (ou serão cicatrizes do tempo?) aparecem eventualmente. Quase nada.

beira-mar. O acontecimento é a caminhada na paisagem fria... areia, mar, ruínas. O vídeo e o livro, propriamente ditos, são de 2010, portanto, cumprem o intervalo de dez anos – decididos em parceria – como hiato na produção de objetos de arte. Depois vieram vários outros, estes com imagens apropriadas de diversas fontes e, muitas vezes, originadas de fotografias animadas pelo artista. Em **Vestigio** (2018), uma conversa com Eadweard Muybridge e seus estudos de movimento (cronofotografias); as fotos originais são animadas por André e projetadas em grande dimensão - pura beleza e vertigem. As sequências videográficas da exposição seguem essa mesma linha de intervenção.

A PISCINA PÚBLICA silenciosa, vazia, sem o elemento primordial de sua função. Mas pouco a pouco, ela vem preenchendo o vazio como manifestação do passado... a água.

O TÚNEL na tênue luz que adentra a escuridão, esparsos insetos voam. Pode-se antever o trilho que atravessa a escuridão. Nenhum outro movimento. Aos poucos, o delírio da luz ao fundo oferece-nos a visão de uma árvore... Que flutua na nuvem de luz... e some.

ANDRÉ: algumas notas

Acreditamos, com a força da evidência, que é o passado que volta a habitar e a assombrar o presente. Seria preciso considerar que a proposição inversa também é verdadeira, se não maior, e que talvez sejamos nós quem assombamos, sem nunca lhes dar descanso, aqueles que nos precederam. Nós somos os verdadeiros fantasmas de nossos fantasmas.

Mohamed Mbougar Sarr¹⁰

André Severo é um multiartista, pensador, escritor, curador e gestor cultural. Parceiro de muitos projetos. Como este, iniciado há alguns anos.

¹⁰ Mbougar Sarr, Mohamed, **A mais recôndita memória dos homens**, 2023, S. Paulo: Ed Fósforo.

André tem um método de trabalho, criado dentro do ateliê, que transborda para todas as áreas em que atua. Possui uma acuidade ao desvendar o mundo que me parece bem rara, fazendo com que sua produção artística se constitua de muitas apropriações, incorporadas à sua sentença visual. Porém, há que se observar que a operação semântica e sintagmática é pura surpresa; pessoal, mas inscrita em um forte compromisso com o coletivo. Utilizo aqui conceitos que vêm da linguística e da literatura, para falar da visibilidade. Isto porque a construção apoiada em narrativas entrecruzadas é a estrutura de suas obras/projetos. Tudo configurado por um olhar que pousa sobre o mundo e o edita, deslocando-o do cotidiano. Tudo é incomum, entretanto, próximo.

André faz inventários. Dos mais diferentes temas. Sempre tangenciando a história da arte, a filosofia, o mundo ao redor, imediato e já pretérito. Como o anjo de Benjamin *d'après* Klee¹¹, ele se oferece à vaga da história, entre passado e futuro, tudo aqui e agora... tudo anacrônico.

André se propõe ações que exigem muito do seu corpo: construções complexas, longuíssimas caminhadas, transporte de coisas diversas, uso de enxada, imobilidade. Proposições mínimo-máximas que podem parecer crípticas, mas que despertam questões e reflexões (às vezes até livros), no mais genuíno tributo a Allan Kaprow, Joseph Beuys, Helio Oiticica, Gordon Matta-Clark, Lygia Clark, Guy Debord... Tantos artistas que retiraram o objeto do centro

11 Refiro-me à **Nona Tese de Filosofia da História**, de Walter Benjamin, presidida pelo **Angelus Novus**, de Paul Klee, que pertencia ao pensador.

da produção artística e colocaram o que os antecede, a ideia e a ação efêmera como ato definidor da obra.

Com um pensamento lógico e pragmático, André paradoxalmente convive com 'seus fantasmas'. A questão do atravessamento temporal, inerente à sua obra, que recupera o passado por seus vestígios e o faz transitar pelos tantos presentes, produz uma convivência dentro do espaço de trabalho. Parcerias inimagináveis. Courbet, Muybridge, Le Gray, Mallarmé, Rimbaud, Paz... entre outros. Alguns, companheiros de muito tempo, com quem divide a autoria.

O labirinto talvez seja o lugar onde tudo acontece.









El MENSAJERO: El ritmo es algo más que medida, algo más que tiempo dividido en porciones. La sucesión de golpes y pausas revela una clara intencionalidad, algo así como una dirección. El ritmo provoca una expectación, suscita un anhelo. Si se interrumpe, suscita un choque. Algo se ha roto. Si continúa, esperamos algo que no acabamos a encontrar. El ritmo sugiere en nosotros una disposición de ánimo que sólo podrá calmarse cuando sobrevenga "algo". Ese algo es actitud de espera. Sentimos que el ritmo es un ir hacia algo, aunque no sabemos qué pueda ser ese algo. Todo ritmo es sentido de algo. El ritmo es esencialmente una medida hacia de contenido más una dirección, un sentido. El ritmo es un medida, un tiempo original. La medida es un tiempo más manera de calcularlo. Toda medida es una forma de hacer presente el tiempo. Calendarios y relojes son maneras de marcar nuestro paso. Esta presentación implica una reducción o abstracción del tiempo original: el reloj presenta el tiempo y para presentarlo lo divide en porciones iguales y carencia de sentido. La temporalidad - que es el nombre mismo y que, por tanto, es sentido a lo que toca - es anterior a la presentación y lo que la hace posible. El tiempo es está fuera de nosotros, es algo que pasa frente a nosotros como las manecillas del reloj: nosotros somos el tiempo y no son los años que recorren los que pasamos. El tiempo pasa una dirección, un sentido, porque es nosotros mismos. El ritmo realiza una operación contraria a la de relojes y calendarios: el tiempo deja de ser medida abstracta y regresa a lo que es: algo concreto y dotado de una dirección. Continúa pasar, perpetuo ir más allá, el tiempo es permanente trascendente. Su esencia es el más - y la negación de ese más. El tiempo afirma el sentido de un modo paradójico: posee un sentido - el ir más allá, siempre fuera de él - que no cesa de regresar a él mismo como sentido. Se destruye y, al destruirse, se repite, pero cada repetición es un cambio. Siempre lo mismo y la negación de lo mismo.







Labirinto dia XXXII



Labirinto dia XXXIII



Labirinto dia XXXIV



Labirinto dia XXXVIII



Labirinto dia XXXIX



Labirinto dia XL



Labirinto dia XLIV



Labirinto dia XLV



Labirinto dia XLVI



Labirinto dia XXXV



Labirinto dia XXXVI



Labirinto dia XXXVII



Labirinto dia XLI



Labirinto dia XLII



Labirinto dia XLIII



Labirinto dia XLVII



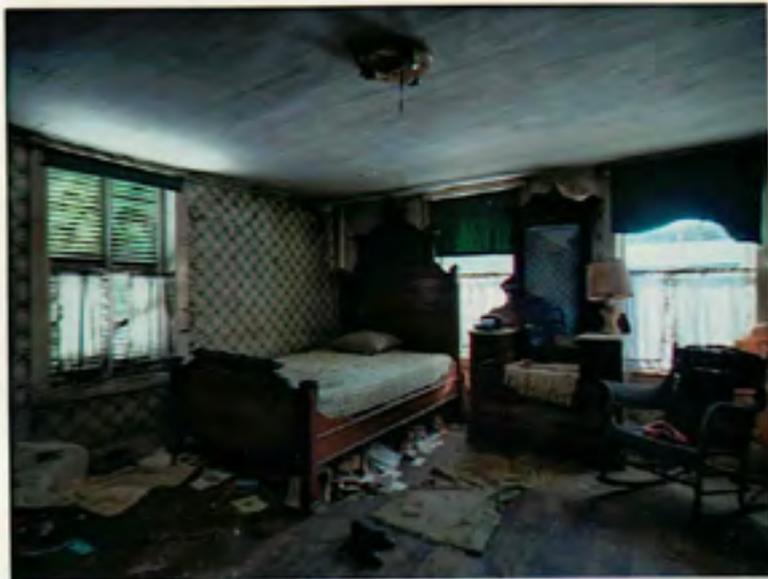
Labirinto dia XLVIII



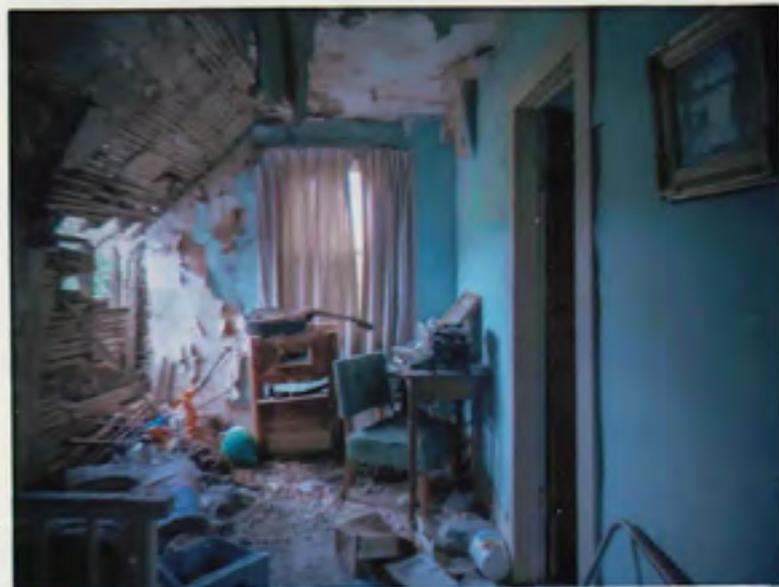
Labirinto dia XLIX







Labirinto dia LXI



Labirinto dia LXII



Labirinto dia LXV



Labirinto dia LXVI



Labirinto dia LXIII



Labirinto dia LXIV



Labirinto dia LXVII



Labirinto dia LXVIII











Labirinto dia CI



Labirinto dia CXI



Labirinto dia CXV



Labirinto dia CXVIII







EL RESULTADO: A veces, sin tener siquiera ganas de salir de que
 sea bueno. Y sea visible en, a su manera, una suerte de humilde o
 apartado, que el mundo se sea revivir en sus repeticiones y silencio
 como si fuera algo lejano. Todos los días cruzamos la misma calle o
 el mismo jardín, todos los días nosotras esas tropezamos con el
 mismo muro roñoso, todo de ladrillo y tiempo añejo. De pronto,
 en las vacaciones, la calle da a otro mundo, el jardín cambia de
 color, el muro se ilumina en colores de algunas cosas que nosotras
 vimos y ahora nos acordamos que está así: todo y de
 extraordinariamente realista. En misma manera realidad nos hace
 dudar: ¿cómo está las cosas o sea de otro modo? En, como era antes
 por primera vez ya lo habíamos visto antes. En algún lugar, es el
 que ahora parece tener sentido, ya sabemos el muro, la calle, el
 jardín. Y a la vez parece como si ahora nos parece recordar y
 quedáramos volando allí, a ese lugar en donde las cosas son
 siempre así, hechas por una luz cualquiera y, al mismo tiempo,
 cuando se quiere también también como de allá. En algún momento
 quejarse la frente. Siempre escuchamos, escuchamos en medio de la
 tarde cuando escuchamos que como de otro mundo es la "vida
 anterior", que regresan. Los colores de las paredes y techos, cuando
 de repente y finalmente, de repente y cuando con la Olla,
 una vez más volver de verdad y cuando con nosotros mismos.







Labirinto dia CXXII



Labirinto dia CXXIII



Labirinto dia CXXIV



Labirinto dia CXXV



Labirinto dia CXXVI



Labirinto dia CXXVII



Labirinto dia CXXVIII



Labirinto dia CXXIX



Labirinto dia CXXXVIII



Labirinto dia CXXXIX



Labirinto dia CXL



Labirinto dia CXLI



Labirinto dia CXLVI



Labirinto dia CXLVII



Labirinto dia CXLVIII



Labirinto dia CXLIX



Labirinto dia CXXVI



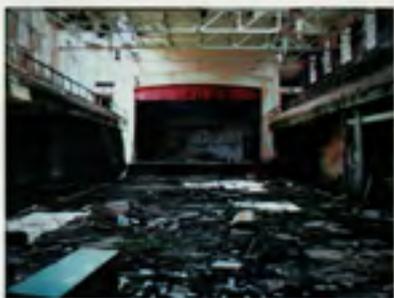
Labirinto dia CXXVII



Labirinto dia CXXVIII



Labirinto dia CXXIX



Labirinto dia CXXXIV



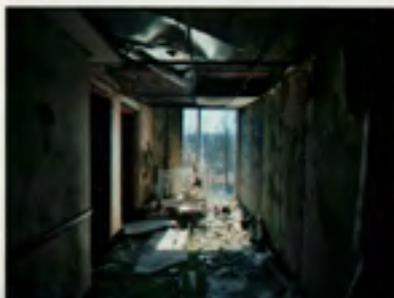
Labirinto dia CXXXV



Labirinto dia CXXXVI



Labirinto dia CXXXVII



Labirinto dia CXLII



Labirinto dia CXLIII



Labirinto dia CXLIV



Labirinto dia CXLV



Labirinto dia CL



Labirinto dia CLI



Labirinto dia CLII









Labirinto dia CLVI



Labirinto dia CLVII



Labirinto dia CLXVIII



Labirinto dia CLXXXI



















Labirinto dia CXCVI



Labirinto dia CXCVIII



Labirinto dia CCIV



Labirinto dia CCIX





EL MENSAJERO: La inspiración es una manifestación de la "otredad" constitutiva del hombre. No está adentro, en nuestro interior, ni afuera, como algo que de pronto surgiera del limo del pasado, algo que está, por dentro está, adelante: es algo (o mejor: alguien) que nos llama a ser nosotros mismos. Y ese alguien es nuestro ser mismo. Y en verdad la inspiración no está en ninguna parte, simplemente no está, ni es algo: es una aspiración, un ir, un movimiento hacia adelante: hacia nos que somos nosotros mismos. Así, la creación poética es ejercicio de nuestra libertad, de nuestra decisión de ser. Esta libertad, según se ha dicho muchas veces, es el acto por el cual vamos más allá de nosotros mismos, para ser más plenamente. Libertad y trascendencia son expresiones, movimientos de la temporalidad. La inspiración, la "otra voz", la "otredad" son, en su esencia, la temporalidad pasando, manifestándose sin cesar. Inspiración, "otredad", libertad y temporalidad con trascendencia. Pero con trascendencia, movimiento del ser ¿hacia qué? Hacia nosotros mismos. El hombre llama al mundo. Por él y para él, todos los seres y objetos que lo rodean se impregnan de sentido: tienen un nombre. Todo apunta hacia el hombre. Pero el hombre ¿hacia dónde apunta? Él no lo sabe a ciencia cierta. Quiere ser otro, su ser lo lleva siempre a ir más allá de sí. Y el hombre pierde pie a cada instante, a cada paso se despeña y tropieza con ese otro que imagina ser y que se le escapa entre las manos. Nuestro nombre espera también a un extraño, del que nada sabemos excepto que es nosotros mismos. El hombre es temporalidad y cambio y la "otredad" constituye su manera propia de ser. El hombre se realiza y cumple cuando se hace otro. Al hacerse otro se recobra, reconquista su ser original, anterior a la caída o despeño en el mundo, anterior a la existencia en yo y "otro".







Labirinto dia CCKIV



Labirinto dia CCKV



Labirinto dia CCKVI



Labirinto dia CCKVII



Labirinto dia CCKXII



Labirinto dia CCKXIII



Labirinto dia CCKXIV



Labirinto dia CCKXV



Labirinto dia CCKXX



Labirinto dia CCKXXI



Labirinto dia CCKXXII



Labirinto dia CCKXXIII



Labirinto dia CCKXXVIII



Labirinto dia CCKXXXIX



Labirinto dia CCKL



Labirinto dia CCKLI



Labirinto dia CCXVIII



Labirinto dia CCXIX



Labirinto dia CCXX



Labirinto dia CCXXI



Labirinto dia CCXXVI



Labirinto dia CCXXVII



Labirinto dia CCXXVIII



Labirinto dia CCXXIX



Labirinto dia CCXXXIV



Labirinto dia CCXXXV



Labirinto dia CCXXXVI



Labirinto dia CCXXXVII



Labirinto dia CCXLII



Labirinto dia CCXLIII



Labirinto dia CCXLIV







Labirinto dia CXXLV



Labirinto dia CCL



Labirinto dia CCLI



Labirinto dia CCLV



Labirinto dia CCLVIII



Labirinto dia CCLXIV



Labirinto dia CCLXX



Labirinto dia CCLXXI



Labirinto dia CCLXXII









Labirinto dia CCLXXIX



Labirinto dia CCLXXXVI



Labirinto dia CCXCI

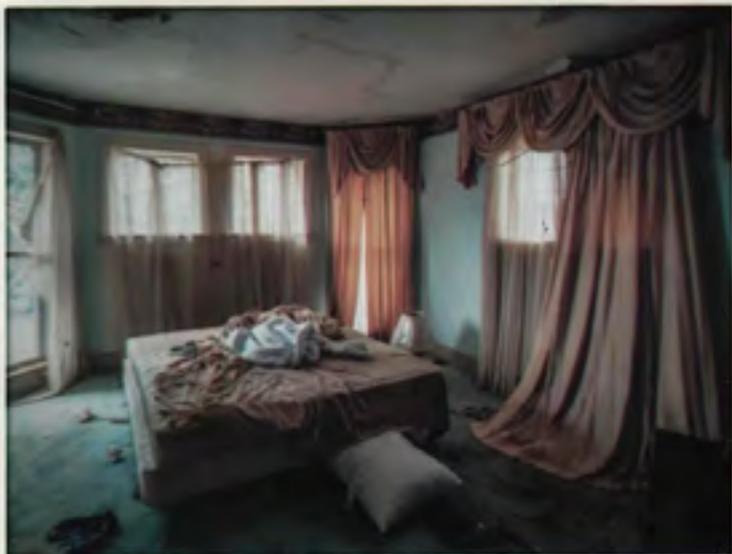


Labirinto dia CCXCIV





INDUSTRIAL
CORPORATION
1913-1914



Labirinto dia CCCVI



Labirinto dia CCCX



Labirinto dia CCCXXV



Labirinto dia CCCXXXIII











Labirinto dia CCCLXVI

Séries que compõem o Projeto LABIRINTO



Labirinto dia V

Os dias – de Labirinto dia I a Labirinto dia CCCLDVI

série de fotografias Instax (que conhecemos genericamente como polaroid*). Tecnologia de fotos instantâneas sem filme, na qual a imagem é impressa diretamente sobre uma placa cujas camadas possuem a química para emulsionar, revelar e fixar a imagem. Muito apreciada na época de sua criação, por volta dos anos 60, elas são retomadas por André como emulação de tempos passados, índice de obsolescência dos espaços do comum.

*11 cm x 10 cm cada , tratadas como séries de 31,
30 ou 29 imagens (p. ex.: Labirinto dias I a XXXI)
2020*

*embora esta seja uma marca de fotos instantâneas:
a polaroid é Kodak e a Instax é da Fuji.



As semanas – de Labirinto semana I a Labirinto semana LII

52 fotografias trabalhadas em sete layers e duas em nove. Ou seja, cada imagem desta série que vemos na galeria é a sobreposição de sete fotos (com exceção de uma que foi trabalhada com nove imagens). O número final de imagens trabalhadas é então de 366. Entre elas existem algumas feitas pelo próprio artista, mas em sua maioria, elas são apropriadas do enorme arquivo de imagens que é um *work in progress* de André.

*110 cm x 165 cm cada
2020*



Os meses – El Mensajero

12 páginas de texto datilografado, sobre papel antigo, cada uma emoldurada individualmente. São falas da personagem que migram das páginas da única peça de teatro de Octavio Paz, inicialmente, e daí crescem com outras citações-apropriações dos tantos escritos desse autor. Dessas colagens de trechos faz-se um novo texto que assim pertenceria a este fantasma que é *El Mensajero*, octavioandreseveropaz.

30 cm x 20 cm cada
2015



Os vídeos – Labirinto (cinema), (hospital), (escola), (piscina), (igreja), (túnel)

seis vídeos produzidos a partir de seis imagens fotográficas de espaços de uso comum abandonados. A essas imagens são agregados discretos movimentos, produzidos a partir de sobreposições videográficas, que os “revivem”, e sons característicos de suas funções como visão fantasmática e um renascimento improvável.

Filmes em arquivo digital
60 min. COR. MP4
2016 – 2020

ANDRÉ SEVERO nasceu em Porto Alegre, RS, em 1974. É artista, curador, produtor e gestor cultural. Mestre em Poéticas Visuais pela Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), produziu projetos como **Areal, Lomba Alta** e **Dois Vazios**. Realizou mais de uma dezena de filmes e instalações audiovisuais. Publicou, entre outros, os livros **Consciência errante, Soma** e **Deriva de sentidos**. Foi curador associado da 30ª Bienal de São Paulo – A iminência das poéticas – e cocurador da representação brasileira na 55ª Bienal de Veneza. Entre 2018 e 2019, foi curador, ao lado de Marília Panitz, da exposição **100 anos de Athos Bulcão**, exibida nos CCBB Brasília, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. Em 2021, juntamente com Paulo Herkenhoff, realizou a exposição **Arquiperiscópio**, individual com caráter retrospectivo que ocupou os quatro andares da Oi Futuro (hoje nomeada Futuros - Arte e Tecnologia), no Rio de Janeiro. Foi diretor artístico da Bienal do Mercosul (2016-2018) e diretor do Farol Santander/Porto Alegre (2019-2023). Dentre suas principais premiações destacam-se: o Programa Petrobrás Artes Visuais, 2001; Prêmio Funarte Conexões Artes Visuais, 2007; Prêmio Arte e Patrimônio (Iphan) 2007; Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais 2009; V Prêmio Açorianos de Artes Plásticas; Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça – 6ª Edição; Prêmio Funarte de Arte Contemporânea 2014; XV Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia 2015; e o Prêmio Sérgio Milliet, da ABCA, pelo livro **Artes Visuais – Ensaios Brasileiros Contemporâneos**.

EXPOSIÇÃO

LABIRINTO – ANDRÉ SEVERO

CAIXA CULTURAL CURITIBA

04/10/25 a 25/01/26

Patrocínio

Caixa Econômica Federal

Realização

CAIXA Cultural

Concepção e projeto

4 Art Produções Culturais
IPAC – Instituto de Pesquisa e
Promoção à Arte e Cultura

Coordenação-geral

Daiana Castilho Dias

Curadoria

Marília Panitz

Produção

Lidiana Gomes

Produção local

Priscila Cruz

Assistência de produção

Rozália Gonçalves
Julia Campos Dias
Isabela Vasconcelos

Projeto expográfico

Studio Tavares
Gero Tavares
Luiz Fernando Tombini
Iolanda Carvalho

Programação visual

Estúdio Rabanete
Clara do Prado
Estêvão Vieira

Assessoria de imprensa

Tip Performance de Mídia

Marketing digital

Cruziã Comunicação –
Gestão de Redes Sociais
Moara Ribeiro

**Desenvolvimento web
e videorrelease**

Tiago Keise
Felipe Silveira
Hellen Mourão

Revisão

Kuka Escosteguy

Tradução

João Henrique Faro Lopes

Iluminação

Carlos Peukert
Jó Calipoteu Guedes

CAIXA Cultural Curitiba
Rua Conselheiro Laurindo, 280
Centro – Curitiba, PR
Informações: (41) 3041-2155
caixacultural.gov.br

Apoio

NEORAMA

Produção:

4ART
PRODUÇÕES CULTURAIS

Concepção e projeto:

ipac INSTITUTO
DE PESQUISA
E PROMOÇÃO
À ARTE
E CULTURA
b r a s í l i a

Patrocínio:

CAIXA
É POR VOCÊ. É POR TODO O BRASIL.

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO